



Busto de Endovécio. Época júlio-cláudia.
Santuário de S. Miguel da Mota, Alandroal.
N. inv. 988.3.168

21 de Fevereiro, 2013

Como situar a Cultura Clássica na nossa era, com MARGUERITE YOURCENAR – “Memórias de Adriano”.

14 de Março, 2013

Como reaprender a amar. Com OVÍDIO – “A Arte de Amar” – e com PLATÃO – “O Banquete.”

4 de Abril, 2013

Como dar valor ao pensamento filosófico no sentido de melhorar a vida, com EPICURO – “Cartas, Máximas e Sentenças”.

2 de Maio, 2013

Como perder a paciência quando está em causa a *res publica*. Com CÍCERO – “As Catilinárias”.

6 de Junho, 2013

Como celebrar as vitórias com PÍNDARO – “Odes.”

3 de Outubro, 2013

Como rir – o “melhor remédio” em tempos de crise – com ARISTÓFANES – “As Aves”.

7 de Novembro, 2013

Como honrar os mortos e cumprir os rituais sagrados com SÓFOCLES – “Antígona”.

5 de Dezembro, 2013

Como revelar toda a sabedoria acumulada em relação à condição humana. Com SÉNECA – “Cartas a Lucílio”.

dgpc
Direção-Geral do
Património Cultural



Grupo de
Amigos do
Museu
Nacional de
Arqueologia

Horário das sessões das 18.15 às 20.00 horas, à Quinta-feira.

Inscrição de 50€ para estudantes, 75 € para membros do GAMNA/CNC/SPE e 100€ para o público em geral.

Sessões a realizar na Exposição “Religiões da Lusitânia : Luquuntur saxa”

Informações/ Inscrições:

Adília Antunes. Telef. 213620000 . Email: mnarq.gamna@imc-ip.pt

Número de lugares limitado

Ler os Clássicos no Sítio Certo

[Por ocasião dos 120.º aniversário da fundação do
Museu Nacional de Arqueologia]

Há quem defenda que não existe melhor remédio para o cérebro do que a leitura dos Clássicos. Mas quantas pessoas estarão dispostas, nos dias de hoje, a empreender uma viagem – perigosa, aventureira e exaltante – ao passado mais recôndito, às raízes da nossa Cultura e da nossa Civilização? Ao visitar esta epopeia milenar, será possível penetrar nas ideias, acompanhar a vivência e extrair ensinamentos dos nossos remotos antepassados, desses que estabeleceram as bases de toda uma forma de imaginar, de amar, de venerar, de sentir e de agir?

Haverá melhor lugar do que o Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, para servir de cenário para esta nobre demanda? Ao apreciar devidamente os vestígios deixados por homens e mulheres que nos precederam é possível supor que existe uma forte possibilidade de transpor o fosso que nos separa dos Antigos. Constatamos sem dificuldade que, tal como nós e como outros seres humanos de todos os tempos, eles celebraram a vida, exaltaram os seus heróis e heroínas, veneraram os seus deuses, choraram e honraram os seus mortos e expressaram todas as emoções que nos são familiares, como o amor, a saudade, a amizade, a compaixão, a compreensão, a sabedoria, a raiva, a inimizade, a vingança, a dor, a descrença e a fúria. Não será difícil constatar que (quase) tudo é fruto da herança greco-romana: tragédia, comédia, lirismo, invocações, admoestações, imprecações, indicações, conselhos, preceitos, regras e maldições. (E note-se que apenas cerca de 10% do total de obras desse período chegou até nós).

Ao longo destes meses, através de leituras e troca de ideias, tentaremos entrever e apreciar uma ínfima parte dessa sabedoria, à medida que levamos a cabo este périplo pelo universo da cultura mediterrânica, essa mesma que começou com Homero e emergiu pontualmente em génios como Shakespeare, Camões e Cervantes, para mencionar apenas três dos seus mais distintos discípulos.

Não se trata aqui de um “curso”, de um estudo aturado e académico da Antiguidade Clássica, dos seus autores, artistas, poetas, filósofos, generais, políticos. Trata-se, isso sim, de um convite à discussão para uma hipotética (e não definitiva) resposta à questão: estaremos, ainda, ligados às ideias e ao imaginário greco-latino? Sentiremos a sua influência directa, no nosso quotidiano? As nossas leis, os nossos deveres cívicos, os nossos hábitos, o nosso gosto pela vida – contrariado permanentemente pela “culpa” cristã – estarão ligados a essa herança? Ou, pelo contrário, já pouco resta do esplendor solar dos Antigos gregos e romanos, revelado apenas e tão só em esparsas notas de rodapé e reduzido a umas tantas citações pomposas e fora de contexto?

Com o progressivo afastamento do estudo das chamadas Humanidades dos curricula das escolas, talvez seja a altura de revivificarmos, revisitarmos e honrarmos este precioso legado.

Helena Vasconcelos. Outubro, 2012.

A escolha das edições das obras propostas ficará ao cuidado dos participantes. Em caso de dúvida poderão contactar hvasconcelos@hotmail.com